

CRÔNICAS DE GË

CRÔNICAS DE GË

por

Tafnes Silva Barbosa

Mim Mesmo Editora

Copyright © 2024 Tafnes Silva Barbosa

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, scanning, or otherwise without written permission from the publisher. It is illegal to copy this book, post it to a website, or distribute it by any other means without permission.

This novel is entirely a work of fiction. The names, characters and incidents portrayed in it are the work of the author's imagination. Any resemblance to actual persons, living or dead, events or localities is entirely coincidental.

Primeira edição, 2024.

ISBN

Publicado por Mim Mesmo Editora.

PREFÁCIO

SUMÁRIO

Prefácio iii

A floresta I

CAPÍTULO I

A FLORESTA

N^O MEIO DAQUELE PLANETA havia um lugar muito conhecido, que por sua vez também era muito temido. Muitas histórias eram contadas e ouvidas a respeito deste lugar, histórias tenebrosas que faziam qualquer um tremer tanto as pernas que, hiperbolicamente, seria possível ouvir o som produzido por elas.

Um amontoado de árvores, pode-se dizer, para quem estava fora dele, mas uma infinidade delas para quem adentrava a floresta sombria. Esse era o nome pelo qual os habitantes de Gë a chamavam. Na verdade, era muito difícil encontrar alguém que soubesse a origem desse nome, mas não podia se negar a facilidade de se entender o porquê dele.

Podia-se encontrar todo e qualquer tipo de árvore dentro dela. Árvores grandes subindo até o ponto mais alto como também árvores troncudas e pequenas, que chegavam a ser engraçadas, mas que eram tão fortes como as outras. Além de folhas secas caídas das árvores, o chão era totalmente coberto por uma diversidade de vida. Em alguns lugares mais úmidos por um musgo misturado a lodo, em outros por uma grama que, inexplicavelmente, não parecia crescer o tanto que logicamente era esperado. Na verdade, havia uma explicação para isso: a floresta não era só composta de plantas, mas também de animais, tantos

que não podiam ser contados, por mais que um leigo pudesse dizer o contrário levando em conta somente o que seus olhos vissem.

Semelhantemente às árvores, o ecossistema da floresta era diversificado, composto de animais de médio a pequeno porte e chegando até bichos invisíveis a olho nu, os mesmos que faziam qualquer contador gastar todos os seus dias e não terminar o seu intento. Isso que é naturalidade.

Não se podia deixar enganar pela aparência dos animais, o mais inofensivo deles poderia ser o mais fatal e o mais amedrontador,... Bem, pelo rumo que essa história está tomando, dá pra perceber que eles seriam mais dóceis. Mas não, não era à toa que a floresta era temida. Havia algo ali que fazia com que tudo nela se tornasse mais selvagem e até mais maléfico.

E não eram só plantas e animais que viviam naquela floresta. Na verdade, nunca alguém houvera catalogado todos os seres vivos existentes ali. Mas, nos povoados ao redor dela, quando as pessoas se reuniam em torno de fogueiras, alguns típicos aventureiros costumavam falar que viram seres muito estranhos se movendo na borda da floresta, e isso quando eles não queriam chamar atenção para si mesmos falando que tinham presenciado um deles dentro dela. Mas quase nunca recebiam crédito, pois era conhecido que, uma vez lá dentro, raramente se era visto novamente.

Esse era um enigma de fato intrigante. Como uma floresta poderia comportar tantos imigrantes sendo que seu espaço físico não fazia jus à quantidade deles? Algo acontecia, com certeza. Alguns morriam e a própria terra se encarregava de abraçá-los; alguns conseguiam sair com muitíssima dificuldade, mas a outros um fim misterioso lhes advinha que nem mesmo eu consigo explicar.

Conta-se que, certa vez, um grupo não muito grande e nem muito pequeno resolveu realizar um excursão na floresta. Era um grupo variado, composto de homens e mulheres dos mais diferentes tamanhos. Eles pertenciam a um aldeia próxima dali chamada Alquesburgo, onde as pessoas viviam de caça e agricultura. Eram um povo antigo e antíquo,

bem, este último somente se comparado ao nosso mundo, pois no deles não eram atrasados nem adiantados. E como a aldeia estava ficando cada vez mais populosa, eles estavam sofrendo com a falta de comida para o povo, principalmente de fonte animal. Foi-se decidido, então, que um grupo seria montado para estudar a viabilidade de se caçar na floresta ao lado. Naquela época, poucos conheciam a fama dela.

O grupo era liderado por João Alques, o filho mais velho do chefe da aldeia. Sim, Alquesburgo foi fundada pela família Alques, há muito tempo, quando eles ainda eram menos de dez pessoas. Mas a família cresceu com o tempo e, juntamente às pessoas que chegavam de fora, a aldeia foi aumentando sua população.

João acabara de completar vinte anos e faziam dois anos que ele tinha entrado para o grupo de caça da aldeia. Apesar de sua idade, aprender as técnicas de caça necessárias para o seu trabalho não era algo muito difícil. Qualquer um com um pouco de aptidão as dominava em menos de um ano. E assim foi com ele, por mais que não tenha ficado por aí. No seu terceiro ano, nem parecia mais um novato, pois se sobressaía aos que ingressaram junto com ele como também apresentava maior habilidade que alguns mais velhos que ele.

Sua capacidade, mas também sua posição política, por mais que não tanto por ela, o fizeram ser encarregado de escolher quantos e quem quisesse para sua missão. Sendo assim, ele escolheu seus três melhores amigos: Pedro, filho do chefe de agricultura da vila e que tinha entrado para a caça um ano depois de João; Ana, filha do ferreiro e que tinha aprendido muito com seu pai, tanto na arte da ferraria como no manuseio do que ele produzia; e seu primo, Jonas, um hábil curandeiro e estudioso das ciências fundamentais. Junto a eles, alguns outros vieram por livre e espontânea vontade, quando João abriu à aldeia a possibilidade de fazer parte do grupo. Eram, no total, dezesseis: doze homens e quatro mulheres.

É claro que este grupo não foi criado de um dia para o outro. Por mais que a necessidade fosse grande, era necessário montar uma boa equipe e, para isso, planejamento e tempo foram cruciais. Como foi dito, de-

zesseis foi o número de componentes do grupo, mas nem todos que queriam conseguiram realmente ir. Foram, ao todo, quatro meses, nos quais João não demorou mais que alguns minutos para escolher seus três amigos e o restante foi usado para certificar que aqueles que haviam se voluntariado eram realmente capacitados para a tarefa. Eles não tiveram que passar por provas muito difíceis, mas somente por pequenos testes de sobrevivência. É bem fácil de entender porque assim aconteceu. Eles não sabiam o que os esperava, pois se o soubessem, os testes teriam sido bem diferentes e o tamanho do grupo, bem menor, e isso se eles não tivessem nem pensado em nunca ter ido nessa missão.

João era bastante respeitado dentre os seus quinze companheiros (era assim que ele os chamava, apesar de ele ser o líder do grupo), por isso não teve dificuldade de liderá-los. Dado o papel de seu pai, este sempre lhe ensinara que a liderança deveria ser exercida como se os outros fossem superiores a ele. Era tudo uma questão de serviço: como você poderia ajudar aqueles abaixo de você de forma que o todo fosse mais eficiente. Ele entendia muito bem o quanto isso era importante e sabia que aquelas pessoas não estavam ali para tornar a sua vida mais fácil e sim para que o objetivo da aldeia fosse alcançado. Sendo assim, ele se cobrava para ser o mais proativo dentre eles.

Todos estavam bem satisfeitos com a composição da equipe e logo se reuniram para decidir os últimos detalhes da missão. Era uma noite de inverno quando um banquete foi realizado em homenagem à disposição deles. Foi uma noite memorável, apesar da falta de comida. Muitos aldeões deram um jeito de agradecer-los: uns deram presentes que poderiam ser usados durante a viagem; uns deram lembranças que os ajudasse a recordar de casa; uns ensaiaram peças de teatro inteiras como forma de entrê-los; bem, nenhum momento daquela noite pode ser definido como pacato. O melhor de tudo foi que eles conseguiram se divertir e aproveitar cada momento.

Depois de a última pessoa ter entregado o que desejava, a festa foi dando uma acalmada. Aos poucos, os aldeões foram se retirando até que ficou somente o grupo missionário e alguns poucos dos mais im-

portantes da aldeia. José Alques, o pai de João, foi o primeiro a se dirigir ao seletto grupo:

– É, meus amigos, tivemos uma ótima festa, a qual poderemos levar na memória por muitos dias. Mas alguns de vocês devem estar se perguntando: por que tanto rebuliço só para uma missão de reconhecimento da floresta? Bem, eu acho que nem todos vocês conhecem ou já ouviram histórias a respeito dessa floresta – ao ouvirem isso, foi facilmente perceptível a inquietação de alguns, ao olharem para os lados tentando descobrir quem sabia e o que eles sabiam acerca do que o chefe estava falando. João conhecia um pouco sobre o que os esperava na floresta, mas não tinha tanta noção que até seus amigos mais próximos poderiam não saber nada, pois ouviu Ana perguntando baixinho para Pedro:

– Você sabe de alguma coisa?

– Não... não sei – falou ele meio desligado do mundo exterior, perdido nos seus pensamentos.

– Pedro?... Pedro! – insistiu Ana.

– Oi, desculpe. Estava pensando no que o chefe falou. Você perguntou alguma coisa?

– Se você sabe algo sobre a floresta.

– Acho que devemos estar no mesmo barco – ele parecia meio ansioso, mas não no sentido bom. Parecia preocupado com o que havia de vir.

– Mas devo contar-lhes um pouco sobre os perigos da missão de vocês – continuou o chefe – Esta não é uma simples floresta, há algo estranho nela.

– Como assim, chefe? – perguntou Hugo, irmão de Ana. Ele era um típico ferreiro: grande, forte e perseverante. Muitos o conheciam naquela aldeia, mas nem todos o tinham visto sem as marcas da ferraria. Seu rosto estava frequentemente sujo, mas ele não ligava. Impressionantemente, neste dia, ele estava limpo, alguns diriam irreconhecível.

– Este não é o primeiro grupo a adentrar a floresta – ele continuou como se não tivesse ouvido a pergunta – Acho que nenhum de vocês deva saber, mas antes desta aldeia ser fundada, mais uma família veio

a essa região conosco e a floresta é o motivo de ninguém saber algo a respeito deles – Mais uma vez os ouvintes demonstraram inquietação e foram ficando cada vez mais letárgicos e atentos ao que era dito.

– Nossos antecedentes decidiram usar a terra para plantar e viver do que ela produzisse. No entanto, os outros decidiram explorar as terras ao redor começando pela floresta. Pelo que sei, nossas famílias não chegaram a passar tanto tempo juntas, pois eles logo partiram em busca dos seus desejos. O problema foi que eles demoraram muito para voltar e até se chegou a pensar que eles houvessem saído pela outra extremidade da floresta. Apesar de por algum tempo eles terem pensado isso, essa ideia foi destruída quando, alguns anos depois, uma pessoa saiu de dentro da floresta. Mas aquele não foi um episódio bom de ser lembrado. Ele não parecia muito em controle de si e chegou a atacar três pessoas que ficaram terrivelmente feridas.

Fim